

## LINGUAGEM, CORPO E EDUCAÇÃO: UMA CRIANÇA EM BUSCA DA PRÓPRIA FALA

Arnete de Almeida Faria<sup>1</sup>

**Resumo:** Este relato busca refletir sobre o acompanhamento fonoaudiológico clínico de uma criança com importantes dificuldades no desenvolvimento da fala e da cognição social e encaminhada pela escola. Aos saberes da Fonoaudiologia foram conjugados os da Transpsicomotricidade Educacional, que se baseia no Pensamento Complexo e sua reforma de paradigmas, na Transdisciplinaridade e nos *Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*, de Edgar Morin. Foi lançado um olhar para além do sintoma de linguagem na criação de uma clínica singular como um sistema aberto, poliocular, com a prática corporal livre-expressiva, o brincar, a reflexão crítica e a autonomia capazes de gerar a intersubjetividade, possibilitando a imprevisibilidade e a cocriatividade de duas mentes (paciente e terapeuta) em díade.

**Palavras-chave:** Fonoaudiologia; Transpsicomotricidade; Linguagem; Educação.

## LENGUAJE, CUERPO Y EDUCACIÓN: UN NIÑO EN BÚSQUEDA DE SU HABLA

**Resumen:** Este relato propone una reflexión acerca de la terapia de lenguaje realizada con un niño con graves dificultades en el desarrollo de su habla y habilidades sociales. A los saberes de la Fonoaudiología fueron añadidos los saberes de la Transpsicomotricidad Educativa, basado en el Pensamiento Complejo y su cambio de paradigmas, en la Transdisciplinariedad y en los *Siete Saberes Necesarios a la Educación del Futuro*, de Edgar Morin. Una mirada más allá de los síntomas de lenguaje fue indispensable para la creación de una práctica clínica singular como un sistema abierto, con la práctica corporal libre-expresiva, el juego, la reflexión crítica y la autonomía capaces de originar la intersubjetividad, lo impredecible y la creatividad conjunta de dos mentes (fonoaudióloga y paciente).

**Palabras-clave:** Fonoaudiología; Transpsicomotricidad; Lenguaje; Educación

### Introdução

As bases epistemológicas que muito colaboraram para a constituição da Fonoaudiologia foram as da Educação, na busca de soluções para os problemas de aprendizagem e a Medicina, nas relações de causa e efeito sob a concepção biologizante.



2020 *Faria*. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

Entre as décadas de 1950 e 1960, a Fonoaudiologia se instituiu com caráter técnico, voltada para a reabilitação.

As constantes buscas e explicações para os fenômenos da linguagem considerados patológicos têm ocupado as discussões sobre o saber e o fazer em Fonoaudiologia. A Medicina e a Linguística contribuem e influenciam as interpretações sobre os sintomas de linguagem, muitas vezes, os restringindo ao aspecto articulatorio e privilegiando o aspecto orgânico. No entanto, a desordem na linguagem em uma criança, muitas vezes apontada pela escola, nos conduz à imagem de caos e de descontrole, mas é constituída por sintomas que podem ser entendidos a partir de uma regularidade, de uma singularidade. Tais sintomas não são isolados num sistema, eles interagem com as partes e com o todo, sendo assim é imperativo considerar o corpo, o corpo em comunicação, tanto individual como coletivo.

Enquanto a escuta do corpo permanece irrelevante na clínica de linguagem - para a Fonoaudiologia a importância recai sobre a produção de fala de um sujeito que se pretende falante - na escola esse corpo é aprendiz ativo e expressivo na coletividade. Para ampliar o meu olhar como fonoaudióloga, capaz de perceber o corpo (meu e do outro) como protagonista na clínica, alguns requisitos me foram exigidos, entre eles, o autoconhecimento corporal e emocional, o conhecimento da complexidade humana e a disponibilidade para uma dialógica transdisciplinar, uma vez que a atuação terapêutica da Fonoaudiologia se centra nas ações de habilitação – reabilitação - educação – reeducação das patologias de linguagem diagnosticadas.

Nesse sentido, a TransPsicomotricidade Educacional e Clínica se apresenta como uma oportunidade para estender saberes que surgem entre, através e além da Psicomotricidade, como proposta disciplinar para uni-la e interá-la com outros saberes em busca de uma compreensão complexa do ser humano.

Tendo em vista o exposto, o objetivo deste relato é apresentar a partir dessa experiência clínica, uma reflexão sobre as práticas nas áreas de saúde e educação, dando ênfase às contribuições da Transpsicomotricidade na clínica de Linguagem com o suporte de Edgar Morin e de Paulo Freire.

### **A criança e sua história**

A criança, aqui denominada Ivo, vem recebendo meu atendimento fonoaudiológico desde novembro de 2013. Os recortes no material utilizado para compor os dados aqui têm o

objetivo de mostrar o percurso e sobretudo, minhas reflexões surgidas ao longo da história do paciente nesse processo, com destaque aos episódios relevantes que originaram importantes desdobramentos na trajetória terapêutica fonoaudiológica, no que tange à comunicação verbal e não verbal, assim como a integração social da criança em todos os âmbitos.

Ivo chegou ao meu consultório, trazido por seus jovens pais preocupados com as dificuldades de comunicação e interação social do filho que na época contava com quatro anos e seis meses de idade e nunca havia pronunciado uma frase, limitando-se a balbucios, gritos e algumas vezes uma fala ininteligível, sem fluência. Além da grande dificuldade no desenvolvimento da fala, a família também se preocupava com o inadequado comportamento social da criança, seu isolamento, movimentos repetitivos com os dedos das mãos, olhar aflito e dificuldades na aprendizagem.

Por motivo da inadequação da linguagem do filho, os pais optaram por não o matricular na escola, mas em fevereiro de 2013, Ivo iniciou sua vida escolar. A adaptação foi muito difícil, pois ele chorava, gritava e se isolava durante todo o período. Também usava a fralda para evacuar, uma conjuntura que representou um grande desafio para a escola e a família. Preocupada com a ausência de fala, a professora sugeriu que a família buscasse uma avaliação fonoaudiológica.

Os pais relataram que o filho tinha preferência por objetos, pobreza no brincar (enfileirando carrinhos e objetos), alterações repentinas e inexplicáveis de humor e sérias crises de birra quando frustrado, principalmente em ambientes novos, com fartos estímulos sensoriais e, em especial, com pessoas estranhas. Muitas vezes as birras emergiam sem motivo aparente e obrigavam a família à privação do convívio social e do lazer. O desagrado e a frustração de Ivo eram expressos de forma destrutiva por aumento de tônus corporal global, gritos, choro, mordidas, chutes, socos, golpes em pessoas e objetos. Em algumas ocasiões a intensidade da crise era tão grande que somente terminava quando dormia por exaustão. Para evitar danos físicos e materiais, os pais faziam a contenção corporal da criança, conversavam com ela e lhe ofereciam a chupeta, com isso, Ivo adquiria certa organização corporal, se tranquilizava e, muitas vezes, adormecia profundamente.

Para a escola havia um imenso desafio para acolher Ivo em suas manifestações violentas, na maior parte das vezes. O grupo escolar ficava assustado e desorientado após cada crise aparentemente inexplicável e as professoras não conseguiam entender o

comportamento disruptivo da criança, o que lhes causava insegurança, medo, solidão e sensação de impotência.

Quando recebi Ivo e seus pais em meu consultório eu não poderia imaginar o desafio que se apresentava diante de mim. Ivo estava no colo da mãe, segurando um boneco e chupando vigorosamente a sua chupeta. Quando nos sentamos no tapete, ele escolheu ficar de pé no outro extremo da sala, encostado no canto da parede. Entendi que minha presença era aceita, mas havia desconforto com a minha proximidade. Sentei-me no outro canto da sala, fazendo uma diagonal com ele, olhando-o de soslaio enquanto me encarava sem me responder quando o chamei pelo nome, sem atender as minhas solicitações, sem compartilhar interesses comigo e desviando o rosto todas as vezes que cruzávamos olhares.

A avaliação fonoaudiológica do desenvolvimento da linguagem, realizada entre os meses de novembro e dezembro de 2013, com a presença dos pais foi por observação comportamental devido à dificuldade de interação da criança. Revelou-se pobreza no brincar, menos por desinteresse pelos objetos do que por dificuldade de permitir-se tomá-los de acordo com seu desejo, limitando-se a usar seus brinquedos e objetos ou os oferecidos pelos pais; dificuldade para compreender tanto ordens simples como complexas, mesmo quando acompanhadas de modelos e gestos indicativos. No que tange à comunicação não verbal, algumas vezes Ivo utilizava seu corpo adequadamente para expressar desejos e necessidades, por meio de gestos representativos e expressões faciais. Quanto à comunicação oral, Ivo apresentava vocalizações assistemáticas apenas no seio da família, gritos e comportamento agressivo quando frustrado ou diante de situações novas. No entanto, foi observada a capacidade de Ivo manter intenso contato visual quando se sentia seguro, indicativo do desejo de comunicar-se e de interesse tanto pelo outro quanto pelo ambiente físico. Ivo também não apresentava má formação ou alteração nas estruturas e funções responsáveis pela articulação da fala. Dada à ausência de uma causa biológica e de alterações cognitivas, entendi tratar-se de alteração específica de Linguagem oral expressiva.

Informei aos pais que na ausência da fala, a comunicação é feita pelo corpo, numa fala desprovida de forma, de conteúdo, porém com tamanha potência de intencionalidade que na singularidade de sua expressão, convoca para si a atenção do outro. Tais comportamentos precisavam ter valor de representação, pois esses significantes da linguagem corporal, distantes de um discurso transparente, eram passíveis de interpretação e ali seria meu ponto de partida.

Em reunião na escola, a professora e a coordenadora ratificaram preocupação quanto ao comportamento social e linguístico do aluno, assim como a impossibilidade de avaliar a aprendizagem por meio dos instrumentos utilizados na instituição. As professoras relataram que dentro da sala de aula Ivo não participava, apenas olhava com distanciamento as ações propostas, parecendo sentir-se desconfortável no ambiente. Tive a oportunidade de disponibilizar e trocar informações e conhecimentos sobre os aspectos relativos à fonoaudiologia que pudessem beneficiar os educadores e o aluno. Para tanto, construímos na escola o acolhimento adequado para o que Ivo tinha para oferecer: sua presença. A professora observou que as crises se intensificavam diante dos pais, talvez como um pedido de socorro para que o levassem dali. Ela referiu também que na única ocasião em que Ivo vocalizou na escola, ele se assustou e imediatamente interditou sua “fala” tapando a própria boca.

O atendimento de Ivo se iniciou com dois encontros semanais. Como Ivo reduzia sua relação comigo e com o ambiente físico apenas ao olhar e me oferecia seu silêncio, comecei a perceber neste caso o limitado alcance dos saberes, técnicas e paradigmas da fonoaudiologia, uma ciência da saúde que pesquisa, previne, avalia e trata as alterações de voz, fala, linguagem, audição e aprendizagem, enfim, da comunicação humana. Percebi que escapavam faces daquele prisma que a mim se apresentava. Era necessário alcançá-lo em uma complexidade, num portal onde a perspectiva do observador deve ser aquela onde ele é cativado pelo singular, pela vicissitude, uma vez que a complexidade não permite uma descrição prévia.

Solícita, instaurei-me como sua interlocutora e me disponibilizei como intérprete, iniciando peculiares diálogos nos quais eu falava com e para ele, e tentava decodificar, interpretar e traduzir seus sutis movimentos corporais providos de intencionalidade comunicativa e indicativos de respostas às minhas provocações. Na falta de um adequado funcionamento linguístico-discursivo, Ivo se delimitava a se escutar na minha fala de tradutora e intérprete onde o sentido de sua comunicação se estabelecia.

Percebi, então, a necessidade de efetuar dois deslocamentos fundamentais: ouvir as falas do corpo de Ivo, pois não há falante sem corpo, e flexibilizar (ou desmascarar, como diz Freire) minha especialidade para poder reconstruir e incorporar saberes de outras ciências. Não se tratava de suprimir as disciplinas e sim *articulá-las, religá-las, dar-lhes vitalidade e fecundidade*, como diz Morin. (MORIN, 2013, p. 35)

## Corpo, Linguagem e Movimento

Na busca por ampliação do meu olhar como fonoaudióloga para Ivo, encontrei a TransPsicomotricidade Educacional, criada em 2000 pela Profa. L.D. Martha Lovisaro e o Prof. Dr. Eduardo Costa, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), uma abordagem original na linha livre-expressiva da Psicomotricidade, capaz de integrar aspectos geralmente marginalizados nas práticas psicomotoras, almejando tornar complexa a compreensão e a ação do transpsicomotricista, uma vez que este centra seu trabalho no sujeito e, para tanto, se ampara na intersubjetividade.

A configuração teórico-metodológica da TransPsicomotricidade tem na elaboração de práticas vivenciais o seu eixo central na construção de um saber que objetivava o exercício da composição da integridade pessoal: sujeito, corpo, linguagem, significado/sentido, percepção/sensação, atitudes e atos de convivência. (COSTA, LOVISARO, 2013, p.21)

Iniciei em 2014 minha Formação em TransPsicomotricidade e vivi grandes desafios nas práticas vivenciais transpsicomotoras, entre eles o autoconhecimento, a gestão corporal e emocional, e a crítica e desconstrução de muitos paradigmas com o objetivo de articular diferentes saberes. O formando é levado a trabalhar sua expressividade psicomotora para ampliar as capacidades de comunicação com o outro não somente por meio de palavras, mas principalmente pelo corpo, gestos, sons e olhares. É movido a observar seu corpo na relação com o(s) outro(s), seja pelo aumento da capacidade de ajustar o nível tônico na relação, de ser mais tolerante e empático, assegurar física e afetivamente o outro. É instigado a acessar suas características positivas e negativas, ser consciente dos mecanismos psíquicos emergentes no seu trabalho corporal e conhecer recursos próprios para enfrentá-los (CAMPS & MILA, 2011, p. 14).

No arcabouço teórico composto pelos estudos das linhas corporais livres expressivas de Andre Lapierre e Bernard Aucouturier, do Pensamento Complexo e da Transdisciplinaridade, encontrei no livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, de Edgar Morin, o amparo para refletir sobre os paradigmas, aproveitando algumas frestas conceituais, metodológicas e técnicas para construir com Ivo (não para Ivo) novos sentidos para a terapia de linguagem.

Para criar paradigmas, o pensamento linear do conhecimento científico fragmenta, impõe objetividade, dados e variáveis coletados e medidos, disjunta sujeito e objeto. Segundo Morin, o paradigma instaura relações primordiais constituintes de axiomas, o paradigma determina conceitos e teorias soberanos, dispõe discursos e teorias, enfim, impõe verdades e certezas: *um paradigma pode, ao mesmo tempo, elucidar e cegar, revelar e ocultar. É no seu seio que se esconde o problema-chave do jogo da verdade e do erro.* (MORIN, 2011, p. 26).

Permitir-nos o bem pensar ou o pensar certo, como diz Paulo Freire, é estar disponível:

ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo (...), não é uma experiência em que ele – o pensar certo – é tomado em si mesmo e dele se fala ou uma prática que puramente se descreve, mas algo que se faz e que se vive enquanto dele se fala com a força de um testemunho. (FREIRE, 1996, p. 37).

Questionar paradigmas pode ser um risco capaz de nos conduzir ao caos, ao vazio, ao temor de refletirmos sobre nós mesmos. Para tanto, um dos pressupostos de Morin propõe o acolhimento da incerteza, da contradição, das indeterminações e do imprevisível. Sendo assim é necessário um modo de pensamento complexo no mundo e nas áreas do saber, de maneira que se possa compreender que os limites e insuficiências de um pensamento simplificador, reducionista e unidimensional são incompatíveis com as ideias de unidade e diversidade presentes no todo. Oferece, então, uma importante reflexão crítica aos princípios e diretrizes de um saber fragmentado e propõe o pensamento complexo como capaz de considerar todas as influências recebidas (internas e externas), distinguir e juntar o que está disjunto, numa congregação de elementos que são partes e partícipes do todo, onde cada parte apresenta sua característica e, em contiguidade com as outras, transformam-se transformando também o todo.

Para as reflexões sobre o acompanhamento que eu vinha fazendo ao Ivo, baseei-me nos seguintes saberes morinianos: As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; Ensinar a condição humana; Enfrentar as incertezas; Ensinar a compreensão. A tais saberes entremeei os saberes e práticas da *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire.

Sobre “As cegueiras do conhecimento”, Morin sustenta que todo conhecimento admite o risco do erro e da ilusão e destaca a importância do afeto ao lado da razão:

O conhecimento não é um espelho das coisas ou do mundo externo. Todas as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados e codificados pelos sentidos. Daí resultam, sabemos bem, os inúmeros erros de percepção que nos vêm de nosso sentido mais confiável, o da visão. Ao erro de percepção acrescenta-se o erro intelectual (...). Este conhecimento, ao mesmo tempo tradução e reconstrução, comporta a interpretação, o que introduz o risco de erro na subjetividade do conhecedor, de sua visão de mundo e de seus princípios de conhecimento (...)

Poder-se-ia crer na possibilidade de eliminar o rico de erro, recalçando toda afetividade (...)

Portanto, não há um estágio superior da razão dominante da emoção, mas um eixo intelecto ← → afeto, e, de certa maneira, a capacidade de emoções é indispensável ao estabelecimento de comportamentos racionais. (MORIN, 2011, p. 20)

Sobre enfrentar as incertezas, Morin nos recomenda aprender a lidar com as imprecisões e ambiguidades mentais, lógicas e psicológicas, sobretudo nesta época de transformações velozes: *O desejo de liquidar a Incerteza pode, então, nos parecer uma enfermidade própria a nossas mentes (...). Tudo que comporta oportunidade comporta risco, e o pensamento deve reconhecer as oportunidades de risco como os riscos das oportunidades.* (MORIN, 2011, p. 80). *Aprendi a acolher o inesperado, o imprevisível, o inusitado, o novo, o caos, pois Quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias e ideias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo.* (MORIN, 2011, p. 29)

Como Ivo abalava as teorias e práticas de linguagem, minhas perguntas eram: Como trabalhar a fala dessa criança, se ela interdita a própria fala? Ela deseja falar? Se há desejo, o que o impede? O que posso fazer para acolher uma criança em tamanho sofrimento? Que ações são legitimadas na clínica fonoaudiológica de linguagem capazes de acolher um sujeito esgarçado? Que perspectivas de práticas educativas e reeducativas poderiam me ajudar a ajudá-lo quando são quase inúteis os protocolos, procedimentos e treinamentos na terapia de linguagem, restritos a comandos desatentos ao sujeito que sofre com sua inabilidade?

Essas perguntas receberam suas respostas quando durante as sessões, Ivo passou a despejar seus brinquedos favoritos sobre o tapete, para que eu brincasse com ele enquanto ele me observava silencioso, sempre me devolvendo alguma peça que escapava pelo chão. Captei intensos afetos expostos ali: atenção, confiança, conforto, desejo. Inferi que Ivo me pedia cumplicidade, amparo, aceitação de suas peculiaridades e de sua dimensão temporal.

Para a compreensão desse momento eu trouxe à memória a célebre máxima de Paulo Freire de que o ato de ensinar não é fazer uma transferência de conhecimento, mas de criar possibilidades para a sua própria produção ou construção:

A grande tarefa do sujeito que pensa certo não é transferir, depositar, oferecer, doar ao outro, tomado como paciente de seu pensar, a inteligibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos. A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico. (FREIRE, 1996, p.38)

E nos saberes sobre a condição humana e a compreensão Morin (2011) diz que a condição humana deve ser o principal objeto de estudo:

O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano. É preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos. (MORIN, 2011, p. 16)

Ivo sempre recebeu escassa compreensão sobre a singularidade de sua linguagem e de seu ser, e em seu esforço por comunicar-se, por pertencer, por buscar um lugar no esgarçado laço social, restava-lhe utilizar o próprio corpo repleto de desordenados significantes como acesso ao outro. Esse movimento, não raro, gerava estranheza e, conseqüentemente, rejeição:

A partir do momento em que a criança descobre seu poder de agir, seu poder de ação sobre seu corpo e, por intermédio desse corpo, sobre os objetos e sobre o outro, ela quer exercer esse poder. Seu desejo, então, não é mais ser reconhecida como objeto, mas também como sujeito, como sujeito que age e é dono de seus atos.

Mas ela vai logo encontrar obstáculos, resistências, oposições; resistência e oposição dos objetos, resistência e oposição dos outros.

A criança reage então com uma agressividade primária que é simplesmente a afirmação de seu desejo de existir, de sua pulsão de vida. Toda vida é necessariamente agressiva na medida em que se opõe às outras vidas às quais deve disputar seu espaço e seus meios de existência. (LAPIERRE, 1986, p. 45)

Diante da ausência da fala, a experiência dos envoltórios corporais e motores (gestos, movimentos, mímicas, olhares, vocalizações, contatos etc) se instauram como um forte canal de comunicação de modo infraverbal e das estratégias relacionais. Para tanto, a comunicação psicomotora possibilita uma relação corporal e motora no brincar livre, com a escolha de materiais segundo seu desejo. Assim, Ivo pode começar a explorar sua geografia corporal, ou esquema e imagem corporal, sentindo seu volume, sua potência de movimentos, percebendo sua pele como invólucro corporal que interage com outros corpos por meio de temperatura, umidade, textura. A fala desejada somente poderia emergir da linguagem do movimento corporal, a partir das emoções afloradas e colhidas num espaço seguro, livre, inclusivo, pacífico, acolhedor, com ações espontâneas, amorosidade, e um mínimo de interdições.

Morin (2011) denuncia a origem da exclusão, da intolerância, da intransigência que impedem a convivência pacífica entre os seres humanos:

A compreensão é a um só tempo meio e fim da comunicação humana. (...) O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensão mútua (...), o desenvolvimento da compreensão pede a reforma das mentalidades. Esta deve ser a obra para a educação do futuro.

A compreensão mútua entre os seres humanos é vital para que as relações humanas saiam de seu atual estado bárbaro de incompreensão. Daí decorre a necessidade de estudar a incompreensão a partir de suas raízes, suas modalidades e seus efeitos. (MORIN, 2011, p. 17)

Retorno a Freire (1996) para ratificar meu papel de fonoaudióloga, a partir da reflexão crítica da minha atuação profissional nas práticas de habilitação-reabilitação, educação-reeducação:

(...) a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento*. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só outra dessas coisas. Nem apenas *reprodutora* nem apenas *desmascaradora* da ideologia dominante. (FREIRE, 1996, p.98)

As vivências transpsicomotoras e o enquadre teórico da Formação em TransPsicomotricidade Educacional viabilizaram um encontro intersubjetivo entre o pequeno Ivo e eu, capaz de transbordar para outros lugares. Apesar da insegurança inicial, alcançamos

alguns motivos que incitam o processo clínico segundo Daniel Stern (2007, p. 176): sondagem mútua, seguido do desejo de compartilhar experiências através do qual experimentamos um novo modo de estar um com o outro, expandindo o campo intersubjetivo. Para Stern (2007), nesse contexto *paciente e terapeuta estão se posicionando intersubjetivamente para que algo possa emergir no nível do conteúdo. Mais importante ainda, eles estão estabelecendo um corpo de saber implícito sobre como trabalhar juntos para chegar a algum lugar.* (STERN, 2007, p. 182)

Aos poucos, os limites teóricos e práticos da Fonoaudiologia foram se esgarçando e fomos acolhendo a desordem, o erro, o sintoma como uma “característica inerente das interações” (STERN, 2007, p. 184), como elemento para compreender a coparticipação, a cocriatividade e o coajustamento (duas mentes trabalhando, experienciando juntas) resultante de um “processo diádico embutido numa matriz intersubjetiva.” (STERN, 2007, p. 184)

## Considerações Finais

Nas últimas décadas, tem havido ampla introdução de fonoaudiólogos nos estudos de Linguística, com relevantes produções e avanços no campo por meio da busca de um conjunto de características de erros de fala, a partir dos quais é possível analisar os erros sintomáticos dos diversos distúrbios da fala, ainda aproximando-se do discurso médico. (PASSOS, 2001, p. 89)

Cabe refletir sobre o modelo hegemônico da Medicina que o fazer clínico da fonoaudiologia herda, centrado no diagnóstico, na doença, no distúrbio e na intervenção técnica baseada na eliminação do sintoma e do erro. Esse olhar monocular aponta para o pensamento simplificador e reducionista, capaz de desprezar os vetores de subjetivação operantes e potentes na vida de um sujeito.

Ainda é tímido o interesse e empreendimento da fonoaudiologia na psicomotricidade, cujo objeto de estudo é o indivíduo humano e suas relações com o corpo, pois o fonoaudiólogo da clínica de linguagem prioriza o funcionamento linguístico discursivo do sujeito. Entretanto, não há fala sem corpo, não há clínica da linguagem sem que o corpo seja convocado, não há praxia sem uma intencionalidade prévia.

Abolida a concepção de norma e normal, de acordo com a cronologia, oriunda da Medicina e da Linguística normativa, foi adotado o tempo lógico, no qual a fala da criança é comparada às próprias produções linguísticas anteriores. Com base na Transpsicomotricidade, foi possível cocriar com Ivo um trabalho centrado no sujeito, no sentido, na intersubjetividade, na liberdade de ação, na autonomia por meio da criação conjunta de um espaço terapêutico singular. Com Ivo, houve um encontro, um contato intersubjetivo, onde fomos enlaçados pelo inesperado, pelo acaso de nossas respectivas ações discursivas. Foi imprescindível desprezarmos a ideia de “erro”, de impossibilidade de fala, a qual ele interditava tapando a própria boca, pois não é exclusivamente a fala que pode conferir vida a um sujeito e tecer o laço social, a linguagem corporal também o faz.

O resultado desse trabalho é descrito pela mãe de Ivo no texto por ocasião do aniversário de sete anos, durante o terceiro ano de acompanhamento:

Hoje é dia dele!  
O que existia somente no olhar,  
hoje sai em palavras  
O que a nossa mão instrumentava,  
hoje ele é o instrumento  
O que eram murmuros soltos,  
hoje são frases completas  
O que é Transtorno, agora é entorno  
Se antes morava sozinho,  
hoje deixa a porta entreaberta  
com a placa: "Pode entrar"  
O que era mais um dia da semana,  
hoje sabe que é o dia dele  
O mundo que era um estranho,  
agora começa a chegar nas entranhas  
O que antes era o alvo de olhares atravessados,  
hoje é ele que olha e atravessa  
O que era para ser o terceiro filho,  
é um dos nossos maiores ensinamentos  
O que era cara amarrada nas fotos,  
hoje é o sorriso escancarado  
O que menos queria saber de pessoas,  
hoje é o que mais se preocupa  
O que era interrogação para o mundo,  
hoje o mundo que é a interrogação pra ele

Hoje, pela primeira vez em sete anos, ele quis cantar parabéns (e escolheu a escola o lugar para fazer isso)!

Isso, para muitos, é o cotidiano

Para nós, ganhamos o ano!

Obrigada, filho!

(junho de 2016)

## **REFERÊNCIAS**

CAMPS, Cori; MILA, Juan (coords.). **El Psicomotricista en su cuerpo - De lo sensoriomotor a la transformación psíquica**. Argentina: Miño y Dávila Editores, 2011.

COSTA, E.; LOVISARO, M. (orgs.). **Transpsicomotricidade: psicomotricidade com base no pensamento complexo e transdisciplinar**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LAPIERRE, Andre. **A simbologia do movimento: psicomotricidade e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

PASSOS, Maria Consuelo (org.). **A Clínica Fonoaudiológica em questão**. São Paulo: Plexus, 2001.

STERN, Daniel. **O momento presente na psicoterapia e na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2007.

---

<sup>i</sup> Fonoaudióloga Clínica (Universidade Veiga de Almeida - RJ) com formação em TransPsicomotricidade Educacional (universidade do Estado do Rio de Janeiro), Especialização em Saúde Mental na Infância e Adolescência (Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro) e Mestrado em Letras – Literatura (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Atuação por sete anos como professora de Literatura Espanhola na Faculdade de Letras da Associação Educacional Dom Bosco – Resende/RJ. [arnetefga@gmail.com](mailto:arnetefga@gmail.com) ORCID <https://orcid.org/0000-0001-9160-7614>